



Os elos que ligam a rádio, os adolescentes e a escola¹

Luana Amorim Gomes²

Universidade Federal do Ceará

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar como quatro estudantes de uma escola pública municipal da cidade de Fortaleza percebem a rádio inserida no contexto escolar no que diz respeito à inserção da programação na rotina dos educandos, temáticas dos programas, rotina de veiculação e músicas executadas. Um dos objetivos da pesquisa foi compreender como os adolescentes relacionam-se com as mensagens e se elaboram questões a partir do que é escutado. Em termos teóricos desenvolveu-se uma pesquisa de recepção com objetivo de contemplar um olhar atento aos jovens e sua vivência para além da escola, considerando mediações e contextos. Como metodologia foi utilizada observação participante e pesquisa de recepção com a realização de entrevistas semi-estruturadas. A pesquisa contemplou visitas que ocorreram antes, durante e depois da veiculação dos programas de rádio elaborados pelos estudantes.

Palavras-chave: recepção, rádio-escola, educação e comunicação

1. Introdução

Chegar à escola para desenvolver uma pesquisa e perceber aspectos relevantes para aquela comunidade é estar sensível a expressões, dizeres e atitudes dos sujeitos pesquisados. Mais do que ouvir é preciso observar e compreender, por meio de artifícios metodológicos, a realidade, mesmo que parcial, dos sujeitos envolvidos com a pesquisa. Este artigo se propõe a investigar de que maneira quatro estudantes de uma escola da Rede Pública Municipal de Fortaleza³ percebem a programação da rádio-escola veiculada no espaço escolar através de equipamentos internos instalados na Instituição. A proposta é desenvolver uma pesquisa de recepção que contemple um olhar atento aos jovens e sua rotina para além da escola, considerando mediações e contextos como referências essenciais que envolvem uma investigação sobre recepção. Os adolescentes participantes desta pesquisa são ouvintes da rádio-escola instalada nas dependências de uma escola municipal da cidade de Fortaleza e não participaram do processo de formação em rádio-escola e nem estavam envolvidos na produção dos programas de rádio veiculados no espaço escolar. A pesquisa se propõe a perceber como

¹ Trabalho apresentado no DT6 – Interfaces Comunicacionais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Contato: luanelc@gmail.com

³ Optamos por não divulgar o nome da escola investigada por questões éticas e de preservação das informações divulgadas pelos participantes da pesquisa. Os nomes aqui citados são fictícios.



os adolescentes relacionam-se com as mensagens que são veiculadas e se elaboram questões a partir do que é escutado. É preciso salientar que a pesquisa tem um olhar além da rádio e dos adolescentes, considerando hábitos, moradia e outras questões participativas que estão inseridas na comunidade escolar e no bairro.

Como metodologia, optei por utilizar a pesquisa de recepção com a realização de observação participante e entrevistas semi-estruturadas. A observação participante foi efetivada a partir de visitas ao espaço escolar antes, durante e depois da veiculação dos programas de rádio elaborados pelos estudantes e professores da escola. O tempo de pesquisa na escola e no bairro foi de um mês⁴ com visitas semanais à escola para o desenvolvimento da pesquisa e compreensão de questões relacionadas ao ambiente escolar e a rotina da rádio-escola, como, por exemplo, periodicidade da veiculação dos programas, reuniões de pauta, relação dos ouvintes com a rádio – existe uma caixinha de sugestões? De que forma os estudantes interagem com os participantes da rádio-escola? De que forma as sugestões dos ouvintes são acolhidas pelo grupo responsável pela programação da rádio? Estas e outras questões serão contempladas ao longo deste artigo.

2. O cotidiano da escola: detalhes da observação participante

Ao chegar à escola para a primeira visita, escuto pelo lado de fora do janelão que dá para o estacionamento um professor conversando com os estudantes do quinto ano. “Vocês não escutam o que eu digo, eu falo e parece que vocês estão em outro mundo”⁵. Enquanto o professor dizia isso os alunos travavam as mais diversas brincadeiras dentro de sala. Desde jogar bolinha de papel nos colegas até imitar o que o professor dizia por meio de gestos exagerados. Imaginei que a rotina dos professores não muda ao longo dos anos e que, os estudantes, desde a minha época escolar, parecem estar presos a um ambiente que não querem frequentar e ao qual não se sentem à vontade. Em geral, os conteúdos escolares, ou provas escolares não são encarados com tanta preocupação, mas, no entanto, o grupo permanece ali, dentro da sala de aula, tentando manifestar a sua necessidade de se expressar sem ser através das perguntas e do conteúdo dos livros didáticos.

Um dos meus objetivos na escola era compreender a rotina da rádio-escola e as percepções dos estudantes acerca da veiculação dos programas de rádio. Fui

⁴ Inicialmente havia pensado em fazer a pesquisa em um prazo de dois meses, mas por questões de dificuldades de autorização para a realização das pesquisas na escola, o período da pesquisa foi reduzido para um mês.

⁵ Anotação feita pela pesquisadora no Diário de Campo durante a realização da pesquisa.



surpreendida ao saber que a turma participante da rádio, responsável pela produção, gravação e veiculação dos programas estava sendo modificada, visto que as estudantes, em sua maioria meninas, estavam fazendo o nono ano do Ensino Fundamental e tiveram que se ausentar das atividades da rádio-escola para participar do Promédio, cursinho preparatório para a seleção do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Diante desta mudança no contexto e da necessidade de continuar com a rádio em funcionamento, as professoras optaram por selecionar novos estudantes e montar um novo grupo de rádio-escola. Para que este grupo fosse estruturado foram pensadas oficinas de rádio-escola com 48 horas de duração e periodicidade semanal. O grupo se reunia dois dias da semana, as terças e quintas em dois turnos: manhã e tarde. Neste momento de compreensão da rotina da escola foi possível perceber que, com a mudança de grupo e formação de novos estudantes para a veiculação do programa de rádio, a rotina da programação também seria modificada. Um grupo que antes era estruturado e com uma rotina, que explicarei a seguir, agora estaria dando lugar a estudantes que estavam começando a produzir programas de rádio e que precisariam de um tempo maior para produzir, gravar e veicular os programas na hora do intervalo. Partindo da minha proposta em entender a realidade da rádio-escola para além da veiculação dos programas e dos ouvintes, optei por acompanhar quatro dos encontros de formação em rádio-escola. Alternei as visitas nos turnos da manhã e da tarde para que pudesse ter percepções dos dois grupos participantes. Também fez parte do trabalho acompanhar um momento festivo na escola, o aniversário de 37 anos da instituição que foi comemorado com a comunidade escolar (estudantes, professores, gestores e funcionários). Acompanhei também a rotina de exibição dos programas de rádio veiculados durante o intervalo.

2. A metodologia utilizada e a inserção do Diário de Campo na pesquisa

“Como administrar simultaneamente observações, leituras, reflexões e frustrações?” (WINKIN, 1998, pág.138) Esta pergunta do pesquisador Yves Winkin (1998) norteou a escrita deste trabalho e as incursões feitas à escola durante a pesquisa. Como eu conseguiria colocar no papel todas as minhas percepções? Como fazer isso diante da necessidade de tentar registrar tudo de maneira o mais fiel e próxima à realidade? Optei pela escrita do Diário de Campo a partir das orientações do autor com a inclusão de duas colunas sendo a da direita responsável pela escrita das observações no momento da pesquisa e a coluna da esquerda para comentários posteriores. “É preciso que o Diário tenha uma função catártica. É o que Schatzman e Strauss (1973)



chamam de função emotiva do Diário”. (WINKIN, 1998, pg. 138) Ainda de acordo com o autor, a segunda função do Diário é empírica. “Nele vocês anotarão tudo o que chamar a sua atenção durante as sessões de observação”. (WINKIN, 1998, pg. 139). Para o autor, num primeiro momento, as anotações vão ser feitas aleatoriamente, depois vão ter um cunho mais analítico e na seqüência, com a prática, o pesquisador anotará dados relevantes para a pesquisa e de uma maneira muito mais rápida e eficaz. A terceira função do Diário é reflexiva e analítica. “Na verdade, trata-se de impressões de regularidades, às claras ou em filigrana (coisas que não aparecem são talvez tão importantes quanto as que aparecem)” (WINKIN, 1998, pg. 139).

Em muitos momentos o Diário de Campo foi objeto de desejo por parte das educandas participantes da pesquisa. As anotações feitas, em alguns momentos, chamavam atenção das estudantes. Neste momento é importante salientar que, por mais que o pesquisador tente se integrar à rotina da escola ou da comunidade pesquisada, a presença em campo, no ambiente dos sujeitos envolvidos, muda, de certa forma, as atividades propostas por aquele grupo acaba, de certo modo, acabam sendo modificadas. Vale pensar que, quando o pesquisador utiliza uma máquina fotográfica ou filmadora no espaço onde está inserido, pequenas alterações subjetivas são feitas, nem que seja no modo de sentar, se expressar, etc. Diante dessa realidade não foi utilizado gravador ou qualquer outro tipo de equipamento eletrônico, visto que a entrada do pesquisador na realidade do grupo já traria mudanças ao comportamento dos envolvidos. A utilização de equipamentos só ampliaria a mudança desta realidade.

A escrita no Diário de Campo acontecia no momento da percepção de algum elemento considerado relevante para a compreensão da realidade do grupo ou alguma manifestação que estivesse diretamente envolvida com o objetivo deste artigo. Na seqüência, ao sair do ambiente escolar, a pesquisadora relia as anotações e fazia outros apontamentos, com outras percepções e releituras do que havia sido considerado no momento da oficina ou da veiculação do programa.

Foram feitas ao todo oito visitas à escola, sendo três delas em momentos de oficinas, uma delas no momento festivo de aniversário da escola, duas durante a produção do programa de rádio e apresentação durante a oficina e duas durante a veiculação do programa na hora do intervalo, sendo um deles ao vivo e outro gravado.

3. Recepção enquanto mediação de processos e as oficinas de rádio



As visitas à escola foram feitas durante as oficinas de formação em rádio-escola, momentos festivos e ainda durante a produção e veiculação de programas de rádio. O objetivo de percorrer estes momentos junto aos estudantes e professores era perceber, em diferentes situações, os processos de produção dos programas de rádio e, em seguida, chegar aos ouvintes. Dentro de uma perspectiva metodológica que me fizesse perceber para além das instâncias da rádio-escola e da recepção do conteúdo e interação entre os estudantes, me propus a percorrer os corredores da escola e outros espaços para além da sala onde aconteciam as atividades. Durante a veiculação dos programas me permiti passear pela escola para observar como os outros estudantes se comportavam durante a veiculação da programação.

Um dos meus focos durante a pesquisa era acompanhar as oficinas de rádio-escola e as atividades desempenhadas pelos estudantes sob a mediação das professoras. Para falar de processos de mediação é preciso buscar o amparo conceitual de Jesús Martín Barbero. Para o autor “O campo daquilo que denominamos mediações é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade” (BARBERO, 2003, pág. 274). No que se refere ao rádio o autor acredita que é o meio capaz de conectar desde as culturas camponesas até o mundo urbano. [...] rádio mediará entre tradição e modernidade. E será também o veículo mais eficaz – até o surgimento da televisão em finais dos anos 1950”. (BARBERO, 2003, pág. 280). E na rádio-escola, como este processo se configura? Acontece uma discussão de conteúdos e de produção de mensagens relacionadas ao cotidiano dos educandos?

Tanto por acreditar que estudar a recepção exige compreensão de como esta considera o universo sociocultural dos receptores quanto por que concebo que a compreensão do que os receptores pensam dos produtos que recebem do entendimento depende do produto consumido, me detive na observação das oficinas de rádio-escola. Nesse sentido, me amparei na leitura teórica de Mário Kaplún no que diz respeito à produção de conteúdos e a mediação nos processos de aprendizagem. Para Kaplún (1998), uma das características da comunicação educativa é a ênfase no processo. Por conta desta orientação do autor e também relacionando com a minha prática enquanto jornalista com experiência em ministrar oficinas de rádio em escolas optei por tentar compreender questões relacionadas ao poder e à rádio. Para tal entendimento parti do cotidiano das oficinas de rádio, por acreditar que neste momento questões são colocadas



pelos educandos e conduzidas pelos professores envolvidos, evidenciando assim relações de poder de forma mais explícita.

Para Kaplún (1998), os meios de comunicação de massa se propõem a manipular, com frequência, a opinião do público e moldar e uniformizar suas condutas. Partindo desta premissa, é importante salientar que “a los medios masivos y los emplee ampliamente en sus campañas educativas”. (KAPLÚN, 1998, pag.37). E na rádio-escola como essa discussão se processa? Como as falas são conduzidas ou orientadas pelos professores e pelo núcleo gestor da escola? Na concepção de Kaplún, essa situação é complexa e contraditória e o que é oferecido nos cursos de formações é muitas vezes imposto pelos educadores:

Se da una apariencia de participación de los educandos o receptores. Pero es sólo una apariencia, una seudoparticipación: los contenidos y los objetivos ya están definidos y programados de antemano. El educando sólo “participa” ejecutandolos. Por ejemplo: cuando se ofrece un curso de cultivo de frutales, los agricultores participan en las practicas, pero no tienen ninguna posibilidad de pasar a discutir su realidad económica y la manera de liberarse de los intermediario que se quedan siempre con su ganancia por más que ellos aumenten la producción. (KAPLÚN, 1998, pg.38)

Para o autor, as mensagens consideradas libertadoras, conscientizadoras e problematizadoras, já pontuadas por Freire, vão “contra la corriente del sistema, de la ideologia dominante” (KAPLÚN, 1998, pg.42). Pensando dentro desta realidade, é importante perceber que as iniciativas de projeto de comunicação e educação inseridas dentro da escola sigam esta orientação e proponham mecanismos, junto com os estudantes, capazes de reforçar a realidade e questionar o que é proposto pela mídia considerada de massa. “No se vende criticidad, solidaridade, liberación, con los mismos recursos com que se vende Coca Cola”. (KAPLÚN, 1998, pg.45)

Es ver la educación como un proceso permanente, en que el sujeto descubriendo, elaborando, reinventando, haciendo suyo el conocimiento. Um proceso de acción-reflexión que él hace desde su realidad, desde su experiencia, desde su práctica social, junto con los demás. (KAPLÚN, 1998, pag.45)

O que o autor sugere é que o aprendizado deve ocorrer dentro de um processo que não deve envolver apenas a rádio-escola, mas outras experiências, possivelmente efetivadas dentro e fora da escola, outras instâncias participativas como, por exemplo, grêmios, grupos de estudo, teatro, dentre outros. Ressalta inclusive que



estas experiências devem ser críticas, mas não podem ser carregadas de práticas impositivas e autoritárias.

Em outra oportunidade, durante a pesquisa na escola para a produção deste artigo, foi possível perceber que as questões da rádio-escola, como por exemplo, assuntos a serem discutidos na rádio são orientados pelas professoras e relacionam-se com datas comemorativas e a partir de uma demanda da escola em ter aquele assunto pautado seja na rádio ou em outros espaços, como, por exemplo, Feira de Ciências. Quando perguntado se há alguma manifestação espontânea dos estudantes para a produção de algum programa de rádio com uma temática que não seja relacionada a datas comemorativas, foi respondido que, algumas vezes, os estudantes pensam e sugerem programas, mas em momentos de tensão, onde não há concordância com algumas decisões da escola, não é pontuado que seja feito um programa discutindo a situação, por exemplo.

Dentro de todo este processo de compreensão, de dialogicidade, está o educador. Como já foi pontuado anteriormente, a figura deste profissional é de extrema importância para o processo. No entanto, o profissional que está dedicado ao quesito de ensino/aprendizagem junto aos educandos não se configura como sendo aquele que ensina e dirige, mas como o que acompanha e estimula o processo de análise e reflexão “para facilitarselo, para aprender junto a él y de él para construir juntos”. (KAPLÚN, 1998, p.50)

Para pensar a discussão dos conteúdos e como as atividades se configuram dentro das oficinas, vamos retomar a observação participante e as anotações feitas no Diário de Campo da pesquisadora. A fala da professora ecoa “Não é o que você está acostumada e sim a necessidade de seguir as regras”⁶ parece bastante significativa. Neste momento é possível perceber que uma proposta de construção coletiva de atividades e construção de um programa com “a cara” dos estudantes, como pontuada pelos autores citados acima, pode estar sendo conduzida para algo considerado “certo” e um formato pensado anteriormente. Quem criou as regras que a professora cita em sua fala? Como diz Lazzarato (2007) qualquer ato de fala que dirigimos a alguém em resposta a algo, expressa valores e pontos de vista, assim como emoções, simpatias e antipatias a respeito da situação de passado “y presentes, que circulan en el espacio

⁶ Informações obtidas durante observação para a elaboração de artigo científico e anotadas no Diário de Campo da pesquisadora.



público. Todo acto de habla apunta a un acuerdo o a un desacuerdo, invoca a los amigos y conjura a los enemigos”. (LAZZARATO, 2007, pag. 33/34).

4. Tia, isso é fake!

Durante as oficinas pude acompanhar a discussão de alguns assuntos relacionados à rádio-escola como, por exemplo, a importância do roteiro e do planejamento para o bom desenvolvimento das atividades. Ao chegar à escola, em uma tarde chuvosa, fui informada que a oficina naquele dia estaria acontecendo na biblioteca, pois o Laboratório de Informática estaria ocupado com uma turma da disciplina de Informática Educativa do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará (UFC) que estaria visitando a escola. Ao chegar à biblioteca, percebi que a produção para a oficina já estava montada e a professora executava no telão um vídeo retirado do *youtube* que trazia uma ação mal executada e, como consequência, uma péssima desenvoltura da atividade. Em seguida, a professora veicula para os estudantes outro vídeo com uma ação previamente planejada e o seu perfeito desenvolvimento. Antes mesmo de o vídeo acabar um dos estudantes diz: “tia isso é *fake!*”⁷ Na fala do garoto, que no desenrolar da pesquisa vai se mostrar o mais participativo e o menos compreendido pelos gestores, nada poderia ser tão perfeito como propunha do vídeo. De acordo com o estudante, todo planejamento conta com imprevistos e “esses vídeos no *youtube* podem ser muito bem manipulados”⁸. Neste momento, a partir da fala deste estudante, foi possível perceber que a discussão crítica acerca de alguns conteúdos pode ter espaço, só precisa ser manifestada pelo estudante e ser considerada pelo professor responsável pela atividade. Não foi o que aconteceu nesta experiência citada. O comentário do estudante foi ignorado e a discussão continuou como se nenhuma interferência houvesse sido feita. Esta cena pode representar muitas reflexões: a professora está preparada para acompanhar as questões sobre comunicação, sociedade de consumo e cultura digital? Ela ignora a colocação do estudante por autoritarismo, apenas? No decorrer da pesquisa vai se possível observar que estas questões de tensão estão presentes em outras instâncias como, por exemplo, durante a elaboração do roteiro de rádio, na escolha das locutoras e ainda na definição de temáticas que serão abordadas. Embora as professoras responsáveis se proponham, em alguns momentos, a dialogar com os estudantes, há, em última instância, uma orientação político pedagógica

⁷ Informações obtidas durante observação para a elaboração de artigo científico e anotadas no Diário de Campo da pesquisadora.

⁸ Informações obtidas durante observação para a elaboração de artigo científico e anotadas no Diário de Campo da pesquisadora



possivelmente centrada numa educação bancária em que o professor define as regras e os alunos as seguem.

5. O incidente e da quebra dos equipamentos

Uma manhã festiva em uma escola na cidade de Fortaleza pode não ser tão pacata como imaginamos. Durante a comemoração de 37 anos da escola pesquisada aconteceram coisas que, inicialmente, não estariam previstas no roteiro de qualquer programa radiofônico. Foi o momento de lembrar uma das atividades das oficinas de rádio-escola, citada neste artigo, quando a professora ponderava a necessidade de um planejamento para o total sucesso da realização das atividades. A comemoração do aniversário da escola aconteceu num sábado pela manhã. Gestores, professores, estudantes e funcionários foram convidados e o grupo de rádio-escola que hoje já não está mais responsável pelas atividades e não está sendo investigado neste artigo foi convidado pela direção para realizar algumas atividades. Inicialmente estava previsto que duas meninas, as consideradas “*the best*”⁹ pela coordenação da rádio, fariam o cerimonial, as entrevistas ao vivo e algumas intervenções durante a cerimônia, tanto a veiculação do programa “ao vivo” quanto com material gravado. Ao chegar à escola fui surpreendida pela abordagem da professora que me informou mudanças nos planos. As meninas ficariam apenas com o cerimonial previamente elaborado pela coordenação. “O tempo está curto e resolvemos tirar a parte das entrevistas”¹⁰. As mudanças no roteiro não estavam apenas aí. Em um determinado momento algumas pedras começam a ser jogadas na quadra da escola onde estava ocorrendo a comemoração. Por alguns instantes todos ficam assustados e interrompem a fala para tentar entender o que estava acontecendo. A direção da escola retoma a fala e as pedras tornam-se mais intensas levando o guarda da escola a ir até a calçada verificar o que estava acontecendo. Enquanto todos aguardam um retorno do funcionário, o vento forte derruba os equipamentos montados em data show, assustando uma das apresentadoras da festa. Com o susto o microfone é jogado no chão e o fio se rompe. A partir deste acontecimento uma nova fase da pesquisa se configura o grupo que estaria sendo formado agora e que ficaria responsável pelas atividades da rádio já não poderia mais realizar as atividades, conforme planejado, tendo em vista que o microfone é peça fundamental para a gravação e veiculação do programa.

⁹ Termo utilizado pela professora responsável pela rádio-escola e obtido por meio de entrevista concedida à pesquisadora.

¹⁰ Informação obtida por meio de conversa informal com a professora responsável pela rádio-escola no dia 07 de novembro de 2011 durante pesquisa para elaboração de artigo científico.



É importante ressaltar que o incidente de violência e apedrejamento da escola foi encarado pela direção e pelos estudantes como sendo algo comum, dentro da perspectiva violenta do bairro. “Sempre acontece alguma coisa, nós já estamos acostumados”¹¹. Quando questionado um possível motivo deste tipo de manifestação não houve uma resposta oficial da direção, mas foi possível perceber durante a pesquisa e a partir da fala dos estudantes que foi uma reação dos estudantes que não puderam ingressar na escola por estarem vestindo roupas impróprias ao regulamento da Instituição de Ensino. Este seria um possível tema de ser discutido na rádio-escola, tendo em vista que é uma questão que incomoda ao corpo discente, mas que não houve espaço para tal discussão durante o tempo desta pesquisa.

Após estes acontecimentos ainda houve uma oficina de formação em rádio-escola. Na ocasião os estudantes estavam tendo atividades no laboratório de informática, espaço fechado, com poucos participantes. Na oportunidade foi feito o programa de rádio “ao vivo” como atividade da oficina. Não houve a utilização de microfones ou outros recursos mais específicos. Os programas foram apresentados mais no formato teatral, diante dos outros, sem a perspectiva radiofônica de valorização do som e inexistência das imagens. As locutoras, vale salientar que no turno da tarde havia apenas meninas participando da oficina em rádio-escola, fizeram suas apresentações diante do restante do grupo e aproveitaram o restante do tempo disposto para a oficina para realizar tarefas no computador e ainda para tirar dúvidas de edição. De acordo com a professora coordenadora da rádio-escola o tópico da edição é o mais complicado para os estudantes. Muitos têm dificuldades de levar adiante o processo de edição, ficando a cargo das professoras ou ainda de um ou dois estudantes que têm interesse mais específico neste assunto. Durante o desenvolvimento da pesquisa ainda houve a veiculação de um programa ao vivo para todos os alunos da escola. Esta atividade foi possível, pois a direção da Instituição resolveu abrir as novas caixas de equipamentos que a escola havia recebido e entregou à equipe da rádio-escola e às professoras responsáveis dois novos microfones sem fio. No momento da veiculação do programa houve muitos ruídos técnicos e dificuldade de manuseio dos novos equipamentos.

6. Sobre a audiência ativa e a pesquisa com os ouvintes da rádio

¹¹ Informação obtida por meio de conversa informal com a professora responsável pela rádio-escola no dia 07 de novembro de 2011 durante pesquisa para elaboração de artigo científico.



No que diz respeito a audiência ativa e a perspectiva de compreensão de escuta e re-elaboração das mensagens por parte dos ouvintes da escola investigada, fui buscar amparo teórico em Bailén Huertas. No capítulo “*Que quieres decir audiencia activa?*”, a autora pontua que existem autores que rechaçam qualquer capacidade de atuação por parte do telespectador, por outro lado existem os que defendem o receptor como o principal ator do processo comunicativo. De acordo com a Huertas (2002), podemos incluir Bourdieu como os que têm uma visão mais crítica e incrédula diante do conceito de audiência ativa “ya que considera que una actitud crítica y reflexiva es imposible ante el cinismo manipulador de los productores de televisión y los publicitarios”. (Bourdieu, 1997, pg. 136 apud Huertas, 2002, pg. 169). Bourdieu acredita que defender a ideia de uma audiência ativa é cair em uma das mais perversas ilusões.

No diálogo entre espectadores e meios de comunicação é importante ponderar e compreender que existe a supremacia dos meios, mas também existe a maneira com o telespectador reage ao que é veiculado. Para Morley (1998 apud Huertas 2002), os espectadores têm poder de reinterpretar os significados, mas este poder dificilmente pode ser comparado ao poder discursivo das instituições midiáticas “centralizadas a la hora de construir los textos que el espectador interpreta a continuación, e imaginar outra cosa es simplemente una insensatez” (Morley, 1998: 434 apud Huertas, 2002, pg. 170)

A autora enfatiza que para conhecermos melhor o telespectador seria preciso continuar avançando em técnicas de abordagem qualitativa de compreensão acerca das estratégias utilizadas pela mídia para atraí-los. “Ya sabemos que el telespectador no es autonomo a la hora de decidir que espacio consumir” (HUERTAS, 2002, pag. 171).

A partir desta contextualização é importante pontuar aqui acerca da rádio-escola e dos ouvintes. Na rotina da rádio, com caixinhas de som instaladas nas dependências da escola, os ouvintes não têm a oportunidade de desligar ou mudar de estação. Para Bailén (2002), para conhecer uma audiência ativa, é preciso analisar os conteúdos, mas é preciso compreender de que forma estes conteúdos são produzidos e disponibilizados para os expectadores. “Y para conocer mejor el telespectador, sería muy útil continuar avanzando en el diseño de nuevas técnicas cualitativas para obtener información sobre cómo se adapta a estas cuestiones”. (HUERTAS, 2002, pag. 171).

7. Com a palavra: os ouvintes!



Durante o período em que percorri os espaços da escola busquei compreender os processos de produção do programa de rádio, a recepção e reelaboração dos conteúdos veiculados pela rádio-escola. Reservei parte da pesquisa para conversar com o grupo que faz parte da produção dos programas e ainda com o um grupo de quatro estudantes ouvintes da programação. A proposta era conversar sobre a escuta e compreensão dos conteúdos e mensagens veiculadas pela programação da rádio inserida no contexto escolar. No período em que estive frequentando a escola percebi que um grupo de estudantes sempre ficava próximo à sala da rádio, seja por questões de veiculação do programa ou porque naquele espaço havia um banco (o único de toda a escola). Observei que algumas estudantes permaneciam ali conversando durante o intervalo. Eram apenas meninas. Os meninos estavam sempre, durante o recreio, “brincando de peia” como eles mesmos intitulam. A partir da perspectiva de compreender como as estudantes ouviam a programação e reelaboravam as mensagens veiculadas optei com conversar com as meninas e compreender como estas questões estavam presentes na rotina de cada uma delas. Um dia encontrei o grupo de ouvintes logo após a veiculação do programa sobre DST/AIDS¹². A proposta era conversar com o grupo a partir de perguntas geradoras e perceber como este grupo de educandos relaciona-se com as mensagens que são veiculadas e se elaboram questões a partir do que é escutado. Pude perceber por meio da conversa que algumas questões acerca dos temas que são veiculados na rádio não soavam como interessantes para os estudantes. O programa que estava sendo veiculado, por exemplo, foi citado pelos estudantes como sendo interessante, mas não chama atenção pelo fato de ter “muita fala e pouca música!”. “Os temas não são tão interessantes para a gente e quando a gente sugere nem sempre são aceitos”¹³. Os estudantes comentam que a programação fica mais interessante quando tem músicas dançantes, mas estas nem sempre podem ser executadas tendo em vista que para as músicas terem espaço na rádio é preciso que as mesmas estejam relacionadas com o tema que está sendo tratado. Os estudantes citaram o programa da Consciência Negra e comentaram que, um tema como este fica difícil não ter uma música dançante, mas outros temas fica difícil e o programa se torna

¹² Programa “Antenados” sobre DST/AIDS gravado em 2009 e veiculado no dia 02/12/2011 na escola pesquisada. Este programa havia sido uma produção da Ong Catavento Comunicação e Educação por meio do projeto Rádio-escola pela Educação em parceria com a escola e estudantes.

¹³ Informações obtidas por meio de entrevista à autora no dia 02/12/2011. As identidades dos estudantes serão preservadas assim como o nome da escola pesquisada.



desinteressante. “É muito barulho na hora do recreio e se o programa fica só na fala, no texto, não chama atenção. Tem que ter música”¹⁴.

Outro aspecto citado pelos estudantes foi acerca da programação ser gravada ou ao vivo. Para os estudantes não é interessante um programa gravado, tendo em vista que, desta forma, não é possível ter interação entre quem está na rádio e quem está ouvindo. “O texto, as entrevistas e a música já estão prontas, não dá nem para eles saberem o ritmo da gente, se estamos gostando ou não”¹⁵.

Quando questionadas sobre o interesse em participar das atividades da rádio-escola as estudantes responderam que vontade não falta, mas que, por questões de morarem longe da escola e o bairro ser muito violento, fica difícil de estar na escola em horários que não são os de aula. Neste momento é preciso relacionar as questões da pesquisa e a necessidade de compreender o contexto. Quando pontuamos que o grupo de rádio-escola é pequeno ou não está fortalecido, é preciso relacionar com questões como esta onde a realidade do entorno interfere no número de estudantes que participam das atividades da rádio.

8. Aspectos conclusivos

Durante a pesquisa foi possível perceber que a rádio não tem estratégias de aproximação do público, como, por exemplo, uma caixinha de sugestões ou um convite durante os programas convidando os estudantes para vir falar ao microfone com perguntas estruturadas em forma de enquete ou promoção, por exemplo. Os estudantes pesquisados apontaram que não há um sentimento de partilha com relação à rádio tendo em vista que os temas sugeridos, muitas vezes, não serão aceitos, pois muitas temáticas já estão previamente decididas pela equipe da rádio ou relacionam-se com projetos coletivos de toda a escola. A partir desta declaração da estudante-ouvinte é preciso relacionar com a observação que foi feita durante a pesquisa e diz respeito ao fato de os temas trabalhados na rádio-escola estão relacionados ao calendário escolar ou as datas comemorativas. A perspectiva de interação com o público e com a realidade e contexto social em que os adolescentes estão envolvidos não se configura ou tem um espaço reduzido não sendo possível perceber durante esta pesquisa.

É possível relacionar esta ausência de aproximação dos ouvintes com a rádio ao fato de muitos estudantes sentirem a necessidade de ouvir música na programação

¹⁴ Informações obtidas por meio de entrevista à autora no dia 02/12/2011. As identidades dos estudantes serão preservadas assim como o nome da escola pesquisada.

¹⁵ Informações obtidas por meio de entrevista à autora no dia 02/12/2011. As identidades dos estudantes serão preservadas assim como o nome da escola pesquisada.



radiofônica. Sobre a questão da música existe uma determinação que não devem ser executadas músicas que não tenham ligação direta com o tema que está sendo discutido. Foi possível compreender que é uma imposição do Núcleo Gestor e em conversa com a professora responsável pela rádio foi colocado que é uma orientação do Projeto Político Pedagógico da Escola e a rádio deve seguir esta orientação. Os estudantes ponderam que poucas músicas que são executadas chamam atenção dos alunos e animam o recreio. Um exemplo considerado positivo e pontuado por eles foi a música¹⁶ da cantora *Shakira* que fez muito sucesso durante a Copa do Mundo de 2010 e que, ao ser executada durante os intervalos, animava a todos.

A problemática da música é pontuada pelos estudantes não só dos que escutam a rádio, mas também dos que produzem os programas, embora seja um discurso que pode ser considerado “ensaiado” os estudantes que elaboram a programação da rádio-escola pontuam que as músicas devem estar relacionadas com o tema, pois não é toda música que é interessante para o “contexto educacional”, mas não é um ponto de debate entre núcleo gestor e corpo discente. Este discurso dos estudantes que estão envolvidos com a produção dos programas se aproxima do discurso das professoras responsáveis pela rádio. Durante as oficinas de formação em rádio que eu tive a oportunidade de acompanhar para a elaboração deste artigo foi possível perceber que esta discussão da música perpassava esta questão de “nem todas as músicas são adequadas ao ambiente escolar”.

Durante a pesquisa foi possível perceber que a rádio não tem uma rotina de produção de programas. Os estudantes que fazem parte do grupo da rádio se reúnem para elaborar programas quando tem algo planejado dentro do calendário escolar ou quando acontece uma iniciativa dos adolescentes em sugerir um tema específico. Os temas são sugeridos para a professora responsável pela rádio e, dependendo da sugestão, desenvolvidos e, na seqüência, aprimorados por ela.

Um ponto de discussão nesta pesquisa diz respeito a como os estudantes reelaboram os assuntos que são veiculados na rádio. Para tanto era preciso perceber como se configura a escuta destes programas. Foi possível perceber que nem sempre os assuntos chamam atenção dos ouvintes e ainda que, pelo fato de não ter uma rotina de produção e veiculação estabelecida, fica difícil perceber a rádio como sendo parte do

¹⁶ Música tema da Copa do Mundo de 2010 executada pela cantora colombiana Shakira.



recreio dos estudantes. É um equipamento instalado em um espaço central, mas que não se aproxima dos ouvintes.

Sobre algumas questões que são consideradas impositivas na rádio-escola e acerca dos temas dos programas, por exemplo, vale a reflexão no sentido de que: será que os estudantes já pensaram em elaborar um programa sobre isso? Um dos assuntos que poderiam ser discutidos pelos estudantes diz respeito ao uso restrito do laboratório, vestimentas dos estudantes, músicas que são permitidas pelo Plano Político Pedagógico da escola e as músicas que os estudantes querem ouvir. Ao invés de haver uma imposição do que pode e do que não pode, seria interessante se houvesse um disco debate ou uma discussão neste sentido para que os estudantes percebessem, por meio do diálogo e da compreensão da mensagem da música, o que é interessante para o contexto em que eles estão inseridos. Nesta questão de inserção de contexto vale uma ponderação, tendo em vista que o contexto do bairro é permeado por violência e inserção de músicas de conteúdos dúbios, mas que estão presentes no cotidiano deles. A partir do momento em que a escola reprime este tipo de execução de músicas que eles estão acostumados a ouvir, distancia os estudantes, quando o interessante seria agregar e discutir o que acontece no cotidiano de cada um deles.

9. Bibliografia

BARBERO, Jesús Martín. **De los Medios a las Mediaciones**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. 2ª edição

HUERTAS, BAILÉN, Amparo. **Pero Que Quieres Decir Audiencia Activa?** In *La Audiencia Investigada*. Barcelona: Gedisa, 2002.

KAPLÚN, Mário. **Pedagogia de La Comunicación**. Madrid: Ediciones de La Torre, 1998.

LAZZARATO, Maurizio. **La Filosofía de la Diferencia y el Pensamiento Menor**. Bogotá: Instituto de Estudios Sociales Contemporâneos (IESC), 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco – Cultura Popular e Lazer na Cidade**. Editora HUCITEC. 2004

WINKIN, Yves. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Papirus: Campinas, 1998.